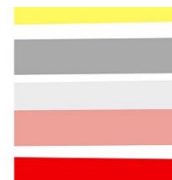




AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



**OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS
A PARTIR DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO SISTEMA SIGNWRITING**

***THE PROCESSES OF ALPHABETIZATION AND LITERACY OF DEAF STUDENTS
FROM THE WRITING OF THE SIGN LANGUAGE IN THE SIGNWRITING SYSTEM***

Prof. Me. Fernando Henrique Fogaça Carneiro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
fernando.carneiro@ufrgs.br

Profa. Mariane Pereira Lombardi
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
mariane.cifa@gmail.com

Profa. Alessandra Ayres
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
alessandraayres@hotmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta discussões a partir da observação de práticas pedagógicas realizadas na Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP). Este artigo está vinculado a um projeto de pesquisa recém iniciado, registrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem por objetivo analisar a constituição e circulação da Escrita da Língua de Sinais (ELS) – no sistema *SignWriting* – em, pelo menos, uma instituição bilíngue para surdos do estado do Rio Grande do Sul com alunos matriculados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como as aplicações da grafia nos processos de alfabetização e letramento desses estudantes – seja em língua de sinais, seja em língua portuguesa. Seu referencial teórico advém do intercruzamento de teorizações dos Estudos Culturais em Educação, Estudos Surdos e Linguística das Línguas de Sinais, em consonância com os estudos de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein sobre discurso, poder e linguagem. Foram analisados materiais e práticas de professores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental os quais mostraram o interesse dos alunos na leitura e na escrita em (e a partir da) ELS, bem como a compreensão de que ELS e Língua Portuguesa (LP) são códigos diferentes, ponto considerado importante para os processos de letramento que envolvem alunos surdos.

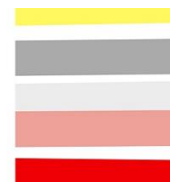
Palavras-chave: Letramentos; Escrita da Língua de Sinais; Educação de surdos.

Abstract: *This article presents discussions based on the observation of pedagogical practices carried out at the Special School for the Deaf Frei Pacífico (ESFP). This article is linked to a recently initiated research project, registered at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), which aims to analyze the constitution and circulation of Sign Language Writing (ELS) – in the SignWriting system – , at least one bilingual institution for the deaf in the state of Rio Grande do Sul with students enrolled in the Early Years of Primary Education, as well as the applications of spelling in the literacy and literacy processes of these students - whether in sign language or in Portuguese. Its theoretical reference comes from the interrelation of theories of Cultural Studies in Education, Deaf Studies and Sign Language Linguistics, in line with the studies of Michel Foucault and Ludwig Wittgenstein on discourse, power and language. It was analyzed the materials and practices of teachers in the Early Years of Elementary School which showed students' interest in reading and writing in (and from) ELS, as well as the understanding that ELS and Portuguese Language (LP) are different codes, a point considered important for the processes of literacy involving deaf students.*

Keywords: Literacies; Sign Language Writing; Deaf education.

OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS A PARTIR DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO SISTEMA SIGNWRITING

Afluentes, UFMA/Campus III, Dossiê Especial, p. 24-43, 2019 ISSN 2525-3441



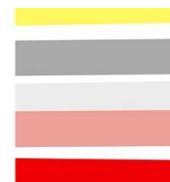
1 Introdução

Nos últimos anos, na Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP), temos nos dedicado à utilização e observação do impacto da Escrita da Língua de Sinais (ELS)¹, mais especificamente o sistema *SignWriting*, nos processos de aprendizagem dos alunos surdos matriculados na instituição. A partir dessas experiências, temos trabalhado na socialização de nossas percepções, tendo como solo teórico as discussões que envolvem os campos dos Estudos Culturais em Educação, Estudos Surdos e Linguística das Línguas de Sinais. Dessas experiências, tivemos a oportunidade de publicar trabalhos, proferir palestras, compor mesas redondas, elaborar projetos de extensão e de pesquisa, bem como participar de uma quantidade significativa de eventos, encontros acadêmicos, artigos científicos, livros e capítulos de livros, conjunto do qual o presente artigo faz parte.

Este ensaio está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Escrita da Língua de Sinais na educação bilíngue para surdos: análises sobre a constituição e a circulação da grafia da língua de sinais e sua aplicação na alfabetização e no letramento de surdos”, cujo objetivo é analisar a constituição e circulação da ELS em, pelo menos, uma instituição bilíngue para surdos do estado do Rio Grande do Sul com alunos matriculados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como as aplicações da grafia no processo de alfabetização e letramento desses estudantes – seja em língua de sinais, seja em língua portuguesa. Assim, tendo como base nossas próprias anotações e observações enquanto professores, realizadas no cotidiano escolar e registradas em diários de classe, aproximamo-nos desse objetivo ao tecermos comentários sobre os processos de alfabetização e letramento pautados pelo uso da ELS dos alunos surdos da ESFP.

O trabalho está dividido, para fins didáticos, em cinco partes. Nas duas próximas seções, apresentamos os aspectos teóricos que sustentam nossas análises dos materiais obtidos, bem como a explicitação do significado conferido a alguns conceitos-chave, como linguagem,

¹ Neste artigo, utilizamos somente ELS ao invés de denominar o sistema de escrita que estamos utilizando. Tal opção se deve ao pressuposto de que, independente do sistema utilizado, as escritas das línguas de sinais possuem potencialidades semelhantes no que se refere à aquisição da segunda língua do surdo, a língua oral de seu país na modalidade escrita. Soma-se a isso uma dimensão política: da mesma forma que dizemos “escrita da língua portuguesa” e não “alfabeto latino”, aproximamos essas duas línguas ao utilizar “escrita da língua de sinais” e não “SignWriting” ou qualquer outro sistema isolado. Apesar disso, temos o cuidado de acrescentar um após o outro para evidenciar qual dos vários sistemas existentes em nosso país está sendo utilizado nesta investigação.



poder, alfabetização, letramento, sistemas de escrita e Escrita da Língua de Sinais. Na sequência, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados e os materiais produzidos, passando para a análise desses elementos. Por fim, a título de conclusão, apresentamos as considerações finais da pesquisa, destacando os resultados construídos e ensaiando novas propostas para investigações futuras.

2 Linguagem, poder, educação e surdez

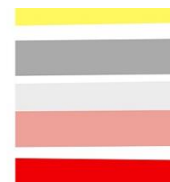
Ao observar as referências que costumamos apresentar nos trabalhos vinculados ao projeto de pesquisa, é possível intuir que estamos alinhados às teorizações usualmente chamada de pós-estruturalistas – embora muitos dos autores referidos como pós-estruturalistas repudiem essa vinculação, como é o caso de Michel Foucault. Dentro dos conceitos que circulam nesse campo teórico, os quais debateremos nos próximos parágrafos, estão o de linguagem, relações de poder e surdez, elencados principalmente por Wittgenstein, Foucault e Skliar, respectivamente. Nossa intenção nesta seção é apresentar esses conceitos e as discussões que constituem nossas *lentes teóricas*, ou seja, a forma como lançaremos nosso olhar sobre o material de pesquisa e o analisaremos.

A primeira noção mencionada é a de *linguagem*, entendida sob a ótica da obra de maturidade de Ludwig Wittgenstein². Para o autor, entende-se que “O significado de uma palavra é o seu uso na linguagem [...]” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 41, §48), de modo que não faria sentido perguntar “o que esta palavra significa?”, mas “qual seu uso na linguagem?”. Essa concepção vai de encontro à ideia de linguagem enquanto elemento neutro da comunicação humana. Condé (1998), conhecido comentador da obra de Wittgenstein, aponta que essa concepção abandona um caráter semântico da linguagem – ou seja, aquela com foco apenas no significado das palavras – e desloca para um entendimento pragmático desta, isto é, aquele voltado para as interações e práticas sociais. Isso pressupõe uma instabilidade de linguagem, compreendida como um código em constante transformação e contingente, ou seja, próprio do seu tempo e espaço.

² A trajetória intelectual de Wittgenstein é usualmente dividida em duas partes pelos seus comentadores, caracterizadas principalmente por duas de suas obras clássicas: *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1921, e *Investigações Filosóficas*, publicada postumamente em 1953. O próprio autor considera esses trabalhos como opostos ao afirmar, no prefácio das *Investigações*, que precisara “[...] reconhecer graves erros naquilo que eu [Wittgenstein] expusera naquele primeiro livro [o *Tractatus* ...]” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 12).
OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS A PARTIR DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO SISTEMA SIGNWRITING



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA



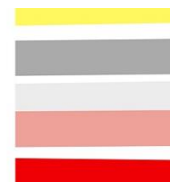
Essa noção de linguagem é partilhada por Michel Foucault. O filósofo repudia a noção de neutralidade, considerando que todo sujeito é constituído mediante múltiplas relações de poder-saber e, portanto, atrelado à luta pela imposição de saberes, a qual circula por meio dos discursos (FOUCAULT, 2014). Nesse sentido, Foucault (2014, p. 10) afirma que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”. Em entrevista a Alexandre Fontana, Foucault (2015b) esclarece as análises empreendidas em algumas de suas obras, nas quais problematiza a questão do poder. Para o filósofo, não se tratava de um poder centrado no Estado, um poder violento, um poder advindo de um sujeito constituinte, mas *relações de poder*, as quais regem os enunciados e produzem efeitos de verdade em determinada época, para determinados grupos.

Apropriado desses conceitos, o pesquisador Carlos Skliar foi um dos primeiros autores a problematizar³ a surdez no Brasil. Na emblemática obra *A surdez: um olhar sobre as diferenças* o autor reflete sobre as diferentes compreensões acerca do assunto, diferenciando-o entre perspectiva clínico-terapêutica e perspectiva socioantropológica. Naquela primeira, a que Skliar (2013) aponta como sendo a tradicional, o surdo é entendido enquanto um deficiente, alguém a que falta algo ou alguém que precisa ser consertado; nesta última, há uma certa inversão ou virada nesse conceito, pois o surdo é visto como um sujeito cultural, com múltiplas identidades, que não necessariamente segue o padrão ouvinte.

Essas ideias discutidas por Skliar, embora não tenham sido as únicas pesquisas sobre a temática no Brasil, parecem ter alavancado os estudos envolvendo a surdez e a educação. A professora Luciane Lopes (2017) dedicou-se a analisar os impactos dessa inversão na dissertação intitulada *Emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil*. Segundo a pesquisadora, os estudos empreendidos por Carlos Skliar e seus orientandos – os componentes do Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES) – podem ser considerados condições de possibilidade para a emergência do referido campo no Brasil⁴. A

³ O termo “problematizar”, muito utilizado por Michel Foucault, trata de uma prática caracterizada pelo distanciamento ou estranhamento, seguido de uma análise do “[...] conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 242). A palavra “discussões”, empregada no título desse trabalho, desempenha função semelhante ao da problematização, tendo sido utilizado de forma sinônima.

⁴ Reiteramos que não seria correto dizer que somente esse grupo foi responsável pelas discussões sobre surdez no Brasil. Lopes (2017) cita pesquisas em diferentes universidades brasileiras sobre o assunto, ainda que em linhas teóricas diferentes e sob outras perspectivas.



partir das proposições do NUPPES e dos seus desdobramentos, temos hoje uma série de investigações que transitam pelo solo teórico dos Estudos Surdos em Educação, ao qual este artigo também se vincula.

Com isso, pensamos ter exposto, ainda que de forma sucinta, os aportes teóricos desse trabalho, em especial sobre a nossa concepção de linguagem, poder e surdez. A seguir, apresentamos algumas informações sobre escrita, Escrita da Língua de Sinais e o sistema *SignWriting*, foco da investigação.

3 Sobre a escrita e o SignWriting

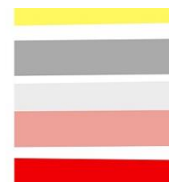
A história é um efeito da escrita. [...] Sem escrita, não há datas nem arquivos, não há listas de observações, tabelas de números, não há códigos legislativos, nem sistemas filosóficos e muito menos críticas destes sistemas. (LÉVY, 1993, p. 96).

Iniciamos esta seção com uma citação do pesquisador Pierre Lévy, bastante conhecido por suas pesquisas da área da tecnologia na educação. Ao nos depararmos com esse excerto, podemos pensar na importância conferida à leitura e à escrita, mais especificamente a escrita gráfica, ou seja, a que gera registros. Se deslocarmos essa noção para as línguas de sinais, é possível encontrarmos uma problemática: como registrar uma língua que, conforme Quadros e Karnopp (2004), circula no espaço, é expressa pelas mãos, percebida pela visão e de forma simultânea (não linear)?

Essa preocupação com a questão da escrita das línguas de sinais parece estar presente na pauta dos linguistas há bastante tempo. No artigo *Histórico das Escritas de Línguas de Sinais*, Aguiar e Chaibue (2015) pontuam que o primeiro sistema proposto para esse fim data do ano de 1825, elaborado pelo francês Auguste Bébien e intitulado *Mimographie*. Com o passar dos anos, ainda outros sistemas foram surgindo, como a Notação de *Stokoe*, na década de 60, o *SignWriting*, em 1974, e o ELiS, em 2008. Pelo menos estes dois últimos foram concebidos como sistemas de escrita (SUTTON, [2007?]; BARROS, 2008), ou seja, teriam a mesma função que a língua portuguesa escrita para a língua portuguesa oral. Todavia, temos visto nos últimos anos alguns pensadores do Brasil os quais consideram que as línguas de sinais são ágrafas, ao passo que um outro conjunto de trabalhos sustenta que essas não são ágrafas por terem sistemas de escrita à disposição, assunto que será abordado adiante no texto.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



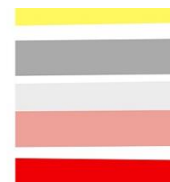
Essa discussão inicialmente chegou a nós durante o Encontro de Educação Escolar Bilíngue/Cultural de Surdos, ocorrido dia 19 de novembro de 2017 na UFRGS, em Porto Alegre – RS. Nessa ocasião, foi apresentado o argumento de que, por não estar amplamente em circulação na sociedade, as ditas escritas das línguas de sinais não poderiam ser consideradas uma escrita da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mas seriam ótimos sistemas de transcrição e poderiam ser ferramentas pedagógicas para o letramento dos surdos. Por outro lado, alguns professores presentes no evento argumentaram que o uso das escritas das línguas de sinais em suas práticas tem sido interessante e possibilita a criação de novas estratégias metodológicas de alfabetização e letramento para surdos tanto na língua de sinais quanto na língua portuguesa.

A partir dessas colocações, poder-se-ia tecer uma série de comentários e análises dos argumentos de cada parte. Contudo, compreendemos que esse assunto específico foge do escopo deste trabalho, por isso simplesmente assumiremos que são caminhos diferentes para alcançar um objetivo comum: o letramento de surdos⁵. Por isso, neste trabalho, assumimos que as escritas das línguas de sinais são, de fato, escritas, e entendemos que essa divergência teórica não invalida nenhuma das investigações realizadas até o momento sobre os processos de alfabetização e letramento de surdos, independente da vertente a que estão vinculadas.

Explicitados nossos pressupostos em relação à grafia das línguas de sinais, nos pareceu pertinente fazer um breve mapeamento dos sistemas correntes do Brasil. Infelizmente, não localizamos estudos que apresentem a situação brasileira em relação aos diferentes sistemas de escrita. Todavia, nossa experiência enquanto participantes de eventos do assunto é que não há um sistema padrão, válido em todo o território. Independente do sistema adotado, assumimos que todos podem ser considerados uma ELS. Entretanto, de todos esses sistemas, o que temos preferido é o *SignWriting*, pois entendemos que seus símbolos são facilmente compreendidos pelos alunos, mesmo os que não estão acostumados com a notação. Por conta disso, ao nos referirmos à ELS (no singular), fazemos menção ao sistema de escrita que adotamos nesse estudo: o *SignWriting*.

Apresentados os pressupostos que adotamos nesse estudo sobre as ELS, passamos a detalhar os procedimentos metodológicos que permearam a investigação. Ao concluir essa seção, destacamos a opção de não tratar dos elementos históricos do *SignWriting* – sistema-

⁵ Não conseguimos localizar trabalhos sobre isso, mas uma discussão mais detalhada sobre o assunto está sendo elaborada para posterior publicação sob a forma de artigo científico, também vinculado ao projeto de pesquisa. OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS A PARTIR DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO SISTEMA SIGNWRITING



chave da investigação – por ser um conjunto de informações facilmente encontrado em outros trabalhos, como os presentes nas referências deste artigo, a saber, Sutton ([2007?]) e Aguiar e Chaibue (2015).

4 Estratégias metodológicas e materiais de pesquisa

A estratégia analítica posta em operação sobre os materiais está alinhada com as abordagens qualitativas, sem estar classificada em um agrupamento específico. Inspirados pelas ideias de André (2013), entendemos que a escolha desta ou daquela categoria – a saber, estudo de caso, exploratória, longitudinal, descritiva, entre outros – não se constitui como algo imperativo em uma pesquisa, visto que:

Na perspectiva das abordagens qualitativas não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. (ANDRÉ, 2013, p. 96).

Assim, em função da liberdade conferida ao conceito de metodologia aqui adotado, surge a necessidade da elaboração de uma série de descrições, as quais abarquem cada etapa realizada, cada movimento da pesquisa.

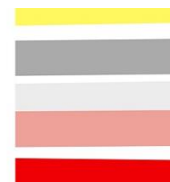
Os materiais apresentados neste trabalho advêm de observações e experiências pedagógicas narradas por docentes e ocorridas na ESFP a partir do uso da ELS. Conforme descrito no seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) de 2015, a ESFP é uma instituição filantrópica, mantida pela Associação Cruzeiroas de São Francisco e administrada pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida. Foi fundada em 1956, com sede na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Além da escola, no mesmo espaço funciona uma clínica especializada em comunicação e um centro social para formação dos públicos interno e externo.

Ainda no seu PPP, consta que todos os professores, surdos e ouvintes, são fluentes em língua de sinais e ministram suas aulas nessa língua, conforme proposto pelo bilinguismo⁶. Atualmente, conta com cerca de 80 alunos matriculados no Ensino Fundamental, com turmas

⁶ Gesser (2009) apresenta o bilinguismo como uma filosofia educacional para surdos no qual o ensino ocorre por meio da língua de sinais, a primeira língua do surdo (L1), e a língua portuguesa é ensinada somente na modalidade escrita. Nesse caso, esta última é tida como segunda língua (L2) do surdo brasileiro.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



de, em média, 10 alunos. As turmas são mistas, organizadas de acordo com as competências e habilidades desenvolvidas por cada aluno até o momento, independente do ano em que se encontra. Nos grupos dos Anos Iniciais, há sempre duas professoras em sala em função da alta demanda dos alunos mais jovens; nos grupos dos Anos Finais, já organizados por disciplinas, há um professor por turma. Não há Ensino Médio na instituição. Muitas vezes, essa organização é alterada em função de projetos interdisciplinares que ocorrem durante o ano, podendo haver atividades comuns ou trocas de professores e disciplinas de acordo com combinações prévias entre os profissionais.

Apresentado o espaço empírico, passamos a falar sobre os materiais analisados. Verificamos as anotações dos professores, conforme registros em seus Diários de Classe particulares e nos Registros de Chamada da própria instituição. Esses documentos e material utilizados foram obtidos diretamente com os professores e autorizados pela direção da escola, sendo que todos foram devidamente notificados, em respeito às obrigações éticas que permeiam a investigação.

Para este trabalho, selecionamos um recorte que envolveu somente as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tomando as anotações do ano de 2017. Essa seleção foi feita baseada na quantidade de material disponível, a qual julgamos ser suficiente para as análises empreendidas, expostas a seguir.

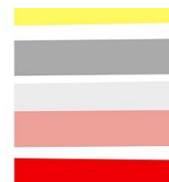
5 Escrita da Língua de Sinais e práticas pedagógicas

Os alunos citados pelas professoras em suas anotações (e autores dos trabalhos expostos) foram arbitrariamente chamados de Aluno 1 e Aluno 2. Os fragmentos apresentados dentro de um quadro são traduções literais para o português⁷ do que foi escrito pelos alunos ou relatos das professoras. Essas traduções foram inicialmente produzidas pelas professoras após o término da atividade, juntamente com os alunos, que reliam e sinalizavam o que havia sido escrito por eles.

⁷ É sabido que a LIBRAS e a língua portuguesa apresentam grandes diferenças estruturais, como nos apresenta Gesser (2009). A autora pontua que elementos como artigos são inexistentes nessa primeira, e os pronomes funcionam de forma bastante diferente. Com isso, é comum vermos textos escritos por surdos que não apresentam uma coesão em língua portuguesa padrão, embora sejam coerentes.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



A primeira prática pedagógica selecionada e exposta nas figuras 1 e 2 ocorreu com alunos da turma de nome “Pantanal”, a qual compreendia alunos dos 2º e 3º anos. Foi uma tarefa realizada após a contação da história intitulada “A Lenda do Tuiuiú”. O conto foi narrado em língua de sinais pelas professoras com o apoio de imagens projetadas. Aos alunos, foi solicitado que escrevessem um relato da história, podendo utilizar quaisquer elementos que julgassem necessários além da ELS, como desenhos e até mesmo a língua portuguesa.



Figura 1 – Relato de “A Lenda do Tuiuiú” [Aluno 1]

Fonte: Material de pesquisa, digitalizado pelos autores.

Tuiuiú muito 3 esperar índio esperar amigo encontrar chegar comida dar Tuiuiú.

Feliz rio Tuiuiú peixe comer.

Tuiuiú triste Tuiuiú sumir indo procurar Tuiuiú encontrar triste.

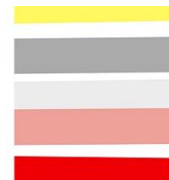
Tuiuiú índio morrer velho fome comida Tuiuiú.

Tradução literal para o português do relato do Aluno 1.

A produção conta com a presença de características adicionais e justificativas diante dos fatos ocorridos, informações que, segundo as professoras, não estavam presentes na história.

OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS A PARTIR DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO SISTEMA SIGNWRITING

Afluentes, UFMA/Campus III, Dossiê Especial, p. 60-76, 2019 ISSN 2525-3441



Exemplos disso são os sentimentos do Tuiuiú – por vezes feliz, por vezes triste – e a explicação da morte do índio: estava muito velho. Tais colocações parecem mostrar uma reflexão, por parte do aluno, sobre sua própria escrita, acrescentando elementos que, para ele, estavam faltando para que fizessem sentido, produzindo-a com uma coerência particular. Para as professoras, esse passo é importante, pois aproxima os alunos da escrita e da língua portuguesa, possibilitando seu desenvolvimento enquanto autores e leitores.

No momento da tradução para o português, os alunos sinalizaram o que haviam escrito, enquanto as professoras transpunham o texto, mostrando as diferenças de estrutura e de forma existentes entre os sistemas. Além disso, vê-se que, na produção do aluno, havia dois estilos de escrita: horizontal, no caso de escrita do título em português, e vertical, no caso da ELS. Isso parece evidenciar que o aluno estava ciente de que a língua portuguesa e a LIBRAS/ELS são diferentes. Esta separação, segundo relatos das professoras, é muito importante, tendo em vista que muitos dos alunos ficavam frustrados por não saber escrever o que, para eles, seriam as suas línguas naturais. Dessa forma, percebem que o português escrito não é uma representação da LIBRAS, mas uma outra língua que circula na sociedade ouvinte.

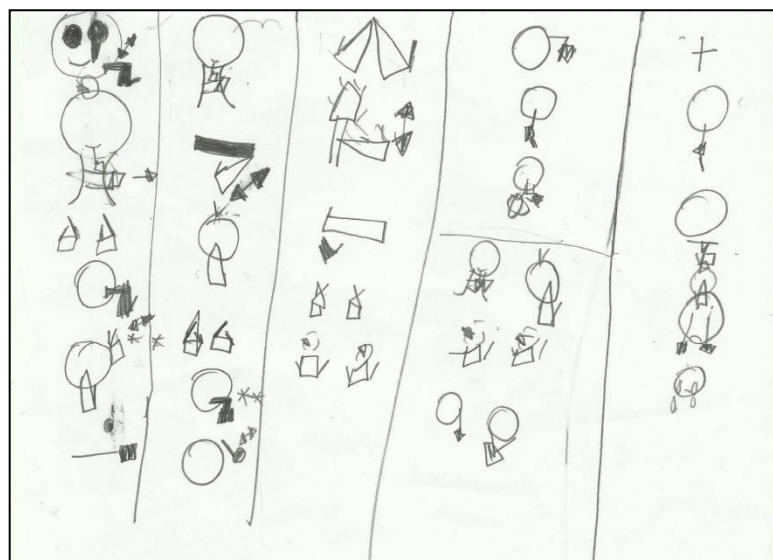
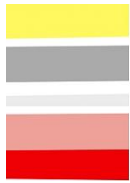
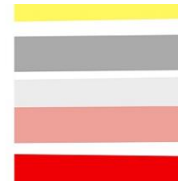


Figura 2 – Relato de “A Lenda do Tuiuiú” [Aluno 2]

Fonte: Material de pesquisa, digitalizado pelos autores.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Comida Tuiuiú dar comida índio dia
Tuiuiú amigo índio dar comida todo dia
Morar Pantanal ter rio brincar
Pensar triste Tuiuiú
Tuiuiú índio brincar mulher homem
Cruz triste morrer chorar índio morrer

Tradução literal para o português do relato do Aluno 2.

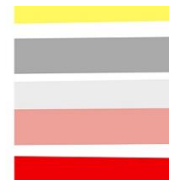
Percebemos outras variações em relação à primeira narrativa, a do Aluno 1. Outros elementos foram acrescentados, enquanto outros foram suprimidos. Na história do Aluno 2, havia brincadeiras no Pantanal, local frequentado pelo Tuiuiú e pelos índios. Além disso, o Aluno 2 associou o símbolo da cruz à morte do índio, e o ato de chorar à tristeza do Tuiuiú. Vinculado a isso, está o relato de uma das professoras deste aluno, apresentado a seguir.

O [Aluno 2] era um aluno que não produzia nem frases simples por julgar-se incapaz e enfatizar ‘não saber como realizar as propostas’. No entanto, ao ser provocado a produzir textos na Escrita da Língua de Sinais, fez com autonomia e sentiu-se contente ao ler sua produção e perceber a alegria das professoras que traduziam seu relato.

Relato de uma das professoras da turma.

A professora conta suas percepções acerca do aprendizado do aluno, pontuando uma melhora no seu desenvolvimento devido ao uso da ELS em suas aulas. A afirmação reforça o papel da ELS nos processos de letramento dos alunos surdos dessa turma. Observando os trabalhos dos alunos, pode-se perceber que o uso desse sistema de escrita da LIBRAS possibilita a compreensão do que está sendo realizado nessas atividades de leitura e escrita, indo ao encontro do que Stumpf (2011a, p. 66) afirma sobre o contato entre os alunos surdos e a ELS: “Alguns alunos mostram facilidade, outros menos, mas nenhum fica fazendo de conta que entende e não entendeu nada, como acontece muitas vezes nas aulas de português.”.

Diante disso, entende-se que uma das formas de ensinar a língua portuguesa para alunos surdos ocorre por meio da ELS, e esta modalidade tem apresentado resultados positivos, como



visto nos trabalhos dos alunos e relatos das professoras. Tal entendimento é compartilhado com Stumpf (2011a, p. 63), a qual destaca o seguinte: “Nós, surdos, precisamos de uma escrita que represente os sinais visuais-espaciais com os quais nos comunicamos, não podemos aprender bem uma escrita que reproduz os sons que não conseguimos ouvir.”. Partindo desse comentário, vislumbra-se a potencialidade de se trabalhar com a ELS enquanto ferramenta para a alfabetização e o letramento de alunos surdos na língua portuguesa (escrita).

Outra atividade a ser analisada trata também da leitura e da escrita e reflexões a partir desses processos, aos quais se considera a função social da escrita da segunda língua para os surdos. Essas produções ocorreram na mesma turma “Pantanal” e tiveram como ponto de partida a leitura do livro de literatura infanto-juvenil intitulado *A Vaca no Telhado*, de Giselda Nicolelis.

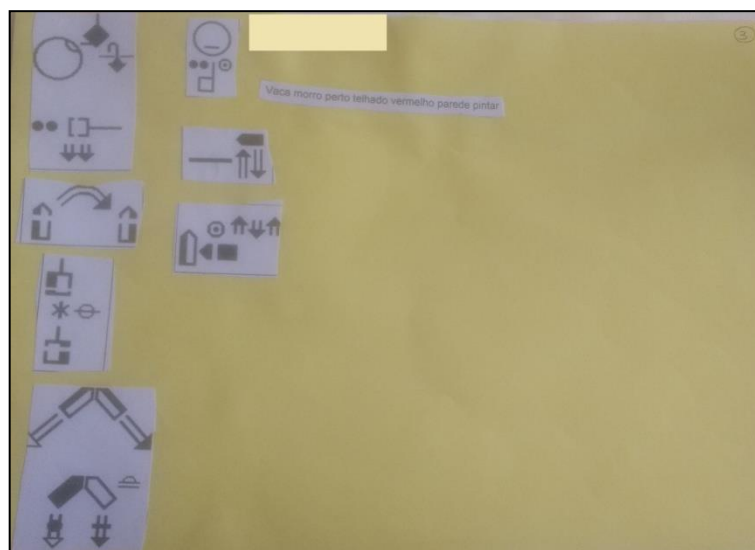


Figura 3 – Um trecho da história na ELS com a tradução realizada pelos alunos.

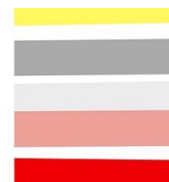
Fonte: Material de pesquisa, digitalizado pelos autores.

A imagem mostra a tradução para o português feita pelos alunos após a leitura da referida história em ELS. Segundo relatos das professoras, a sequência didática que envolveu a produção desse material proporcionou ao aluno a leitura da estória de forma autônoma e a representação gráfica, na forma de desenho, do que compreendeu de cada página, proposta feita após o término da tradução para o português.

Estudos voltados para o ensino da língua portuguesa, para surdos ou ouvintes, ressaltam que a leitura precede à escrita, ou seja, ela proporciona subsídios para a comunicação escrita.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Um desses trabalhos é o de Karnopp e Klein (2005), no qual se afirma que a comunicação humana ocorre por meio de textos e não por intermédio de palavras ou frases soltas. As professoras da turma concordam com isso, conforme relato que segue.

Este tipo de proposta com uso da Escrita de Sinais possibilita que eles leiam, o que torna a aula mais interessante para os alunos, que se sentem felizes e capazes por conseguirem ler e fazer algo sozinhos. Após as leituras, ocorriam discussões entre os alunos sobre o que compreenderam. Isso proporcionou a ampliação dos seus conhecimentos, pois, diante de uma conversa sobre as questões que cada página do texto abordava, foram se apropriando de outros conceitos e trazendo novas situações que se encaixavam com o que estavam discutindo.

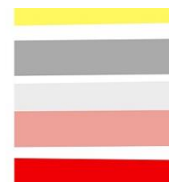
Relato de uma das professoras da turma.

A professora comenta da importância da ELS, mencionando a autonomia e segurança dos alunos ao lidarem com a leitura e a escrita. Nesse sentido, pode-se compreender que, ao realizarem a leitura do texto, os alunos demonstraram estar confiantes o suficiente para fazer as ilustrações de cada página, o que poderia ser um complicador, caso o texto estivesse todo na língua portuguesa e o professor precisasse realizar a leitura na língua de sinais para que eles soubessem do que se tratava.

Após todo o trabalho de leitura e compreensão da história, foi realizada a tradução, com apoio do dicionário, da escrita de sinais para o português, na estrutura da Libras. Nesta proposta também foi possível perceber a autonomia dos alunos, ao procurarem os sinais e assim encontrem as palavras correspondentes. Neste estudo, alguns alunos já conseguiam demonstrar um vocabulário da escrita do português mais amplo e com isso conseguiam escrever algumas palavras sem a necessidade de busca no dicionário.

Relato de uma das professoras da turma.

A professora conta sobre a alfabetização e o letramento dos surdos em relação à língua portuguesa, processos ocorridos por meio do uso da ELS. Reforça-se, então, o que Stumpf (2011b, p. 44) comenta sobre esses processos aliados ao uso da ELS: leva o surdo “[...] a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, de seu potencial e de motivações naturais.”.



Por fim, foi realizada a leitura reflexiva das duas línguas, estruturando a tradução para o português na sua forma padrão de escrita, compreendendo a função social dessa segunda língua e realizando uma leitura do português com mais segurança e autonomia, porque se não soubessem uma palavra tinham ao lado a Escrita da Língua de Sinais e conseguiam localizar onde haviam parado, situando o que queriam saber nas duas línguas, ficando ainda mais claro a questão da diferença estrutural.

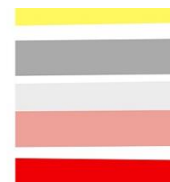
Relato de uma das professoras da turma.

O último passo da sequência de atividades, como diz a professora, foi a comparação entre as duas línguas e verificação de semelhanças e diferenças, a fim de facilitar a aquisição da língua portuguesa. Sobre esse assunto, Karnopp (2004) aponta para a importância de se conhecer a língua de sinais e, por meio desta, proporcionar momentos de comparação com a língua portuguesa, estabelecendo relações entre os dois sistemas linguísticos.

Partindo desse e dos demais relatos, entende-se que as práticas das professoras dessa turma estiveram centradas na constituição de alunos autônomos e seguros, capazes de ler e escrever sem o apoio dos professores e acostumados a lidar com uma linguagem escrita. Essa proposta parece estar alinhada com os dizeres de Pontin e Silva (2010, p. 8):

[O ensino da ELS] juntamente com a língua portuguesa facilita a compreensão dos alunos surdos e lhes dá uma leitura autônoma, visto que solicitarão menos o auxílio do professor e utilizarão o SW como apoio tornando o aprendizado natural sem sentimento de obrigação, longe de barreira linguística e/ou sentimento de incapacidade.

Com isso, vemos que a ELS, nesse contexto, se configura como uma alternativa no ensino da língua portuguesa para alunos surdos, a qual pretende ensinar de forma significativa a leitura e a escrita de uma segunda língua a partir da leitura e da escrita de uma primeira língua. Mais do que a aquisição dos símbolos, a metodologia também parece prezar a função social em que essa aprendizagem está inserida, constituindo-se como um conjunto de processos de alfabetização e letramento, seja em LIBRAS, seja em língua portuguesa.



6 Considerações finais

Neste artigo, tivemos a intenção de discutir questões relativas aos processos de alfabetização e letramento de surdos em contato com a ELS, utilizando-nos de uma investigação desenvolvida na ESFP, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em especial, nosso foco esteve centrado na análise de trabalhos realizados por alunos dos 2º e 3º anos e relatos de suas professoras sobre essas atividades e seu desempenho no decorrer das mesmas.

Da análise dos materiais, verificamos a apropriação dos alunos e das professoras da ELS e, a partir desse domínio, o desenvolvimento de estratégias de alfabetização e letramento em língua portuguesa. Segundo os relatos das professoras, convergentes aos de outras pesquisadoras da área, tais metodologias parecem ser benéficas aos alunos por possibilitarem uma outra maneira de compreender o funcionamento das técnicas de leitura e escrita em português e o exercício de competências sociais que estão envolvidas nesses movimentos.

Concluimos frisando nossa posição enquanto professores e investigadores da educação de surdos. Longe de querermos orientar outros professores ou mostrar qual caminho deve ser seguido, assumimos o papel de *intelectuais* conforme apresentado por Foucault (2006), qual seja, sujeitos que colocam sob suspeita os hábitos há muito instaurados, fazem problematizações, cada um em sua área de conhecimento, para a partir disso fazer parte da formação de uma vontade política, a qual todos estamos associados enquanto cidadãos.

Referências

AGUIAR, T. C.; CHAIBUE, K. Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. *Revista Virtual de Cultura Surda*, Rio de Janeiro, v. [9], n. 15, p. 1-28, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2rdPoRH>>. Acesso em: 13 abr. 2018. [Paginação não sequencial].

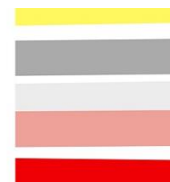
ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

BARROS, M. E. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. 2008. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CONDÉ, M. L. L. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA



FOUCAULT, M. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos por Manuel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Aufran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 240-251. (Coleção Ditos e Escritos; V).

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

GESSER, A. *LIBRAS?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

KARNOPP, L. B. Língua de Sinais na Educação de Surdos. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 103-113.

KARNOPP, L.; KLEIN, M. *A língua na educação de surdos*. Porto Alegre: SEDUC, 2005.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Coleção TRANS).

LOPES, L. B. *Emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil*. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

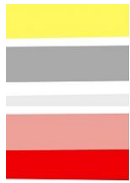
PONTIN, B. R.; SILVA, E. V. L. Língua escrita: português/sinais (SW). In: ~~ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL~~ *Encontro do círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 9., Palhoça, 2010. **Anais...** Palhoça: CELSUL, 2010. [Documento paginado não sequencialmente].

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

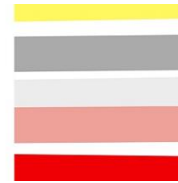
SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 7-32. [Originalmente publicado em 2001].

STUMPF, M. R. *Escrita de Língua Brasileira de Sinais*. Indaial: Uniasselvi, 2011a.

STUMPF, M. R. Transcrições de língua de sinais brasileiras em Sign Writing. In: LODI, Ana Claudia Balieiro et al. (Org.). *Letramento e minorias*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011b.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



SUTTON, V. *SignWriting History*. La Jolla, USA: The SignWriting Site, [2007?]. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/library/history/index.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2014. [Originalmente publicado em 1953].

Recebido em: 14 de julho de 2018.

Aprovado em: 12 de março de 2019.